



SENSIBILIDADES EM FESTA: CELEBRANDO O ESPÍRITO SANTO NO RIO GRANDE DO SUL*

Cleusa Maria Gomes Graebin**

Centro Universitário La Salle – UNILASALLE

prcleusa@unilasalle.edu.br

RESUMO: Este trabalho traz exercício que utiliza as sensibilidades como viés de análise das festas do Espírito Santo no Rio Grande do Sul. Após tecer breves considerações sobre as festas e sua entrada no Brasil e no Rio Grande do Sul, apresenta alguns estudos sobre as mesmas, elaborados a partir de diferentes campos do saber. Na sequência, reflete sobre o conceito de festa, a apreensão das sensibilidades e apresenta fontes para seu estudo. Por último, explora memórias e matérias jornalísticas a fim de captar, entre outros, emoções, crenças, sentidos e religiosidades.

PARAVRAS-CHAVE: Festas do Espírito Santo – Rio Grande do Sul – Sensibilidades – Memórias

ABSTRACT: This work brings exercise that uses the sensibilities as a bias of analysis of the Holy Spirit festivities in Rio Grande do Sul, Brazil. After weaving short considerations about the festivities and their entry in Brazil and in Rio Grande do Sul, this work presents studies about these festivities, elaborated from different fields of knowledge. Following, reflects about the concept of festivity, the capture of sensibilities and presents sources for its study. Finally, explores the memories and news stories with the intent of capturing, among others, emotions, beliefs, meanings, and religiosity.

KEYWORDS: Holy Spirit Festivities — Rio Grande do Sul — Sensibilities — Memories

E depois as festas do Espírito Santo no Sul do
Brasil,
[...] onde ainda é possível reconhecer
O “nosso” naquilo que o tempo transformou
Numa coisa outra que já não nos pertence;
É como se de repente descobrisse em corpos
estranhos
As parcelas de alma que fomos perdendo pelo
mundo
Ou que ao mundo fomos dando a conhecer.
Urbano Bettencourt

Poeta açoriano (Ilha do Pico)

* Recorte da pesquisa “Festas de Origem Açoriana no Rio Grande do Sul” financiada pelo CNPq e FAPERGS.

** Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do UNILASALLE; Professora do Curso de História (UNILASALLE); Coordenadora do Museu e Arquivo Histórico La Salle. Doutora em História (UNISINOS).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As festas do Espírito Santo¹ chegaram ao Brasil, pelas mãos dos colonizadores portugueses, que fizeram delas, entre outros, instrumento de sua própria inserção, catequização de índios e negros e estratégia para viver num lugar estranho, com meio ambiente desconhecido e por vezes hostil. Ao longo dos tempos, têm sido acrescentadas às festas parcelas de símbolos dos diferentes atores presentes nos cenários onde as mesmas ocorrem. As transformações deram-se não apenas nos aspectos mais formais, como também nos de sentido.

No Rio Grande do Sul, as festas do Espírito Santo foram introduzidas no século XVIII, pelos colonizadores portugueses, notadamente, os procedentes das ilhas dos Açores que se fixaram e colonizaram diversos espaços, sendo muitas as cidades sul-riograndenses que festejam o Espírito Santo.

Santos,² ao se manifestar sobre as festas do Espírito Santo, nos Açores, informa que essas foram e são profundamente populares, com uma finalidade anarquista regeneradora. A sua teatralização pretende mostrar o caráter mágico do qual se reveste a abundância dos bens, o reconhecimento de funções e de papéis sociais, o reforço de solidariedades e a intervenção em hierarquias, bem como no exercício de poderes estabelecidos. Isso é visível nos estágios das festas, ou seja, nos preparativos e realização do banquete (comunhão de alimentos), nas distribuições de esmolas e pela coroação do “imperador”. Assim, num tempo e espaço apropriados pela comunidade, pretende-se conjurar os perigos, corrigir injustiças sociais e inverter poderes estabelecidos. Festejar, dar presentes, brincar, venerar os santos, cumprir os rituais que

¹ Festa religiosa móvel do calendário católico em homenagem ao Espírito Santo. Ocorre no domingo de Pentecostes - 50 dias depois da Páscoa - e celebra a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo. Costuma incluir os seguintes elementos: folia do Divino, novena, passagem da Bandeira do Divino pelas casas, em alguns locais podem acontecer cavalhadas, bois, mascarados, marabaixo, pastorinhas, etc. O “Domingo do Divino”, ponto alto da parte religiosa das comemorações, começa com canto e fogos de artifício; segue-se cortejo do imperador em direção à Igreja para coroação. Espécie de representante temporário do Espírito Santo, o imperador é objeto de homenagens e deferências durante a comemoração. Fonte: Tesouro do Folclore e da cultura popular brasileira, disponível em , acessado em 11/08/2008.

² Cf. SANTOS, João Marinho dos. As funções da festa. In: MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. (Org.). **A Festa nos Açores**. Ilha Terceira (Açores): Serafim Silva, 1992.

buscam o equilíbrio das forças da Natureza³ e do Homem,⁴ ocupam um lugar na celebração, através das diferentes leituras e marcas presentes nas nove ilhas do arquipélago.



Império do Espírito Santo.⁵ Ilha Terceira, Açores. Acervo da autora.

Quando as festas do Espírito Santo iniciaram no Rio Grande do Sul, delas constavam as folias e a comunhão de alimentos em público (o bodo). As autoridades eclesiásticas caracterizavam essas práticas como excessos e, no Rio Grande do Sul, os padres visitantes, das poucas paróquias e freguesias que existiam no século XVIII,

³ O Arquipélago dos Açores localiza-se na junção de três placas tectônicas, o que propicia o vulcanismo e terremotos. Também, fatores abióticos (fortes ventos e a chamada ressalga) influem na produção agrícola.

⁴ Trata-se aqui do equilíbrio entre tempos de guerra e tempos de paz. Entre outros, os conflitos com os corsários que atacavam periodicamente as Ilhas entre os séculos XVI e XVIII.

⁵ “Os Impérios são construções de um só compartimento, de planta aproximadamente quadrangular, elevadas sobre fundações que as colocam, geralmente, num plano superior ao das outras construções do aglomerado, abrindo-se na fachada através de porta e janela que as ladeiam [...]”. (DUARTE, Mário; RAACH, Karl-Heinz. **Os Impérios da Ilha Terceira**. Ilha Terceira (Açores): Edições BLN, [s/d].) Dentro desses são guardados alguns dos elementos materiais da celebração.

atestavam nos seus relatórios, inconformidade sobre os rumos que estavam tomando as celebrações realizadas pelos ilhéus.⁶

Para conter os chamados “abusos”,⁷ foram criadas, junto às igrejas locais, as Irmandades do Espírito Santo, às quais foi atribuída, pelo governo civil e pela Igreja, a incumbência de organizar e promover as festas. Essas foram, e continuam sendo, importantes fontes de prestígio político local, de micro-políticas sutis e, fundamentalmente, capazes de revelar o potencial de mobilização e solidariedade fundamentais à organização de uma festa e de um grupo social.

É possível visualizar a importância que as pessoas davam aos compromissos assumidos junto às Irmandades, por meio de inúmeros testamentos (1780-1830)⁸ de açorianos⁹ e seus descendentes, a partir dos quais eram feitas doações aos “Impérios” e se assegurava, em dinheiro, o pagamento de promessas feitas ao Espírito Santo.

Entre as permanências de modos de fazer a festa, em cidades do Rio Grande do Sul como Santo Antonio da Patrulha, Osório, Gravataí, Taquari, Rio Pardo, Triunfo, Porto Alegre, Viamão, Mostardas, São José do Norte, Rio Grande, entre outras, pode-se registrar a ocorrência das Bandeiras que pedem esmolas para as mesmas. Entre as incorporações, têm-se o Maçambique¹⁰ (Litoral Norte) e o Ensaio de Pagamento de

⁶ Assim eram denominados em Portugal, os habitantes das nove ilhas do Arquipélago dos Açores.

⁷ “Encontra-se na 11ª constituição das Constituições do Bispado, datada de 1560, o seguinte: ‘Somos informados que em muitos lugares do nosso Bispado se fazem em muitos domingos e festas do ano, Imperadores, e com cor (sic) que vão tomar a Coroa do Espírito Santo gastam em comidas e festas o que não têm, e em algumas partes fazem diversos imperadores, e o pior é, com diversas superstições se encomendam ao Espírito Santo. No qual querendo nós prover como seja mais serviço de Nosso Senhor, pela presente defendemos que em nosso Bispado não se façam festas de Imperadores senão na festa do Espírito Santo, que até agora por sua devoção se costumou fazer, ou quando vão nas procissões de Corpus Christi, Visitação, ou do Anjo, com tanto que no mesmo lugar ou procissão nem haja dois, nem Imperador e Imperatriz juntamente, senão um só. E quando entrarem nas igrejas com o Imperador ou Imperatriz entrem honestamente sem ruído de vozes e sem tangeres, nas quais igrejas não estarão mais tempo que aos ofícios divinos, ou fazer oração e passar’”. OLIVEIRA, Álamo. O Culto Do Espírito Santo Nos Açores (Posturas E Equívocos). **II Congresso Internacional sobre as festas do Divino Espírito Santo**, Porto Alegre, Anais do II Congresso Internacional sobre as festas do Divino Espírito Santo, Porto Alegre, 2006. Disponível em http://scholar.google.com.br/scholar?cluster=10583893190567034373&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 >. Acesso em: Dez. 2007.

⁸ Acervo do Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

⁹ Não se considera aqui “açoriano” como categoria étnica. Utiliza-se o termo, apenas para designar a procedência das Ilhas dos Açores.

¹⁰ Em algumas celebrações no Litoral Norte do RS (Osório, Maquiné), o maçambique é incorporado à festa do Espírito Santo. O maçambique ocorre em comemoração a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, santos considerados protetores dos negros e escravos. Sobre isso ver: FERNANDES, Mariana Balen. **Ritual do maçambique**: religiosidade e atualização da identidade étnica na

Promessas¹¹ (Mostardas, Tavares) e as Cavalhadas — luta simulada entre mouros e cristãos –, realizadas em Gravataí, Viamão, Santo Antônio da Patrulha, como exemplos.

Em algumas dessas cidades, nas falas dos atores (de diferentes grupos sociais locais) envolvidos na organização da festa, ao justificar a presença dessa comemoração,¹² percebe-se o compartilhamento das ideias de “construção de identidade açoriana” e “resgate de costumes dos antepassados fundadores”.

Em se tratando de construção de identidade, de memória, de comemorar para experienciar o que outros (os antepassados) sentiram, do investimento de aura simbólica no espaço e no tempo, isso remete às sensibilidades: “[...] operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido”.¹³ Caminha, nesse sentido, este trabalho: ao examinar as festas, buscam-se paixões, crenças, esperanças e conflitos de seus próprios atores sociais.

Alain Corbin afirmou que “[...] tudo que é da ordem da experiência humana é útil para o historiador”.¹⁴ Desse modo, justifica-se trabalhar as festas, tendo as sensibilidades como viés de análise, explicação e compreensão das mesmas. Neste caso, trata-se de um exercício de uma historiadora que vai buscar outra forma de fazer história, com um mesmo objeto, afinal, recorrendo ainda a Alain Corbin: “Não se deve fazer sempre a mesma coisa, para que o prazer não se embote”.¹⁵

comunidade negra de Morro Alto/RS. 2004. Dissertação (Mestrado Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

¹¹ Em Mostardas e Tavares (RS), ocorre o Ensaio de Promessa de Quicumbi, celebração em agradecimento a Nossa Senhora do Rosário que combina coreografia e música, performatizado apenas por homens em situação de pagamento de promessas. Ocorre durante as festas a Nossa Senhora do Rosário e em ocasiões especiais. Ver: LOBO, Janaina Campos. **Entre gingas e cantigas**: Etnografia do Ensaio de promessa de Quicumbi entre os *morenos* de Tavares, Rio Grande do Sul. 2010. Dissertação (Mestrado Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

¹² CORBIN, Alain. Comemorar: trazer à memória, fazer recordar e lembrar. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2008, p. 153.

¹³ PESAVENTO, Sandra. Sensibilidade: escrita e leitura das almas. In: _____; LANGUE, Frédérique (Orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

¹⁴ CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. Trad. de Christian P. Kasper. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 14, 2005.

¹⁵ Cf. CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. Trad. de Christian P. Kasper. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, 2005.

OLHARES SOBRE AS FESTAS DO ESPÍRITO SANTO

É considerável a bibliografia que localiza a celebração do Espírito Santo na Europa (França) por volta do século XII e, especificamente em Portugal, no começo do século XIV, colocando seu mito de origem relacionado à Rainha Isabel e a construção de igreja dedicada ao Espírito Santo na Vila de Alenquer, ou ainda, como forma de Isabel agradecer o término dos conflitos entre o marido (Rei Don Deniz) e o filho. Na comemoração, a Rainha abdicava do trono, sendo o Império português “governado”, durante o período das celebrações, por uma pessoa das classes menos favorecidas. Fazia-se, também, o Bodo, distribuição de alimentos aos pobres.¹⁶ Quanto à chegada da Festa do Espírito Santo no Brasil, diversos autores a ligam com a chegada dos portugueses, difundindo-se por todo o país, conforme avançava o povoamento e colonização.¹⁷ A presença da celebração no Rio Grande do Sul é relacionada por historiadores, antropólogos e memorialistas à migração dos casais açorianos do Arquipélago para o sul da América portuguesa no século XVIII e diversas bibliografias tratam as peculiaridades das comemorações ao Divino Espírito Santo.¹⁸

Também, têm-se diversos estudos que discutem as sucessivas “assinaturas” de identidade sob as quais as populações do Rio Grande do Sul foram inscritas, o que Lacerda¹⁹ explica como construção política de identidade étnicocultural açoriana.²⁰

¹⁶ Cf. LEAL, J. **Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: HUCITEC, 2001. V. I e II.

¹⁷ Cf. ABREU, Martha. **O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro / São Paulo: Nova Fronteira / Fapesp, 1999; AMARAL, Amadeu. **Tradições populares**. São Paulo: HUCITEC, 1976; BRANDÃO, Théo. **Folguedos Natalinos**. (Pastoril) Alagoas, Museu Théo Brandão/ UFAL, 1976; BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1953; CARNEIRO, Edison. **Festas tradicionais**. Rio de Janeiro: Conquista, 1974; CASCUDO, Luís da Câmara. **Calendário das Festas**. Informação do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, MEC, 1971; MORAES FILHO, Melo. **Festas e tradições populares no Brasil**. São Paulo EDUSP/Itatiaia, 1979.

¹⁸ Cf. ALVES, Joi Cletison. (Org.). **I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo**. Florianópolis, 2000; CASCAES, Franklin Joaquim. **Vida e Arte e a Colonização Açoriana**. Florianópolis: UFSC, 1981; CÔRTEZ, J. C. Paixão. **Folclore gaúcho: festas, bailes, música e religiosidade rural**. Porto Alegre: Corag, 2006; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Sonhos, desilusões e formas provisórias de existência: os açorianos no Rio Grande de São Pedro**. 2004. Tese (Doutorado em Tese) – Pós-Graduação de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004; MARQUES, Lilian Argentina B; et. al. **Rio Grande do Sul: aspectos do folclore**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1992. p. 118-121; MEYER, Augusto. **Guia do folclore gaúcho**. 2. ed. Rio de Janeiro: INL-MEC-IEL, 1975. p. 66-74; SOARES, Doralécio. **Folclore Catarinense**. Florianópolis: UFSC, 2002.

¹⁹ Cf. LACERDA, Eugenio Pascele. **O ATLÂNTICO AÇORIANO: uma antropologia dos contextos globais e locais da Açorianidade**. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós

FESTAS E SENSIBILIDADES

A festa²¹ é um fenômeno de natureza sociocultural que permeia toda e qualquer sociedade. Estudá-las é entrar em contato com as representações que os homens fazem de si e do mundo, dialogando-se com a imaterialidade da experiência humana, ou seja, as sensações, as emoções, as crenças, símbolos, ritos, costumes, sonhos, desilusões e esperanças.

A festa é o espaço da vida em movimento, do conteúdo humano que de tempos em tempos deve ser comemorado (trazer à memória, evitar o esquecimento) e celebrado (louvado, exaltado). É paisagem onde lembranças afloram, se comunicam em gestos, comportamentos, cores, sabores, odores, sons, vestuário e maneiras de falar. Nesse sentido, as festas podem ser entendidas como um refazer constante e coletivo da memória, na medida em que comunidades e grupos recolocam no presente, alguns acontecimentos que a compõem.

Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

²⁰ Cf. AZEREDO, Flávio Antônio de. **Herança açoriana nas danças tradicionais do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003; GARCIA JR. Edgar. **Práticas regionalizadoras e o mosaico cultural catarinense**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002; FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida: Dilemas e Disputas Simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis: Cidade Futura / UFSC, 2000; FARIAS, Vilson F. **Enseada do Brito: Evolução histórica e demográfica (1778-1907)**. 1980. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 1980. _____. **Dos Açores ao Brasil Meridional – Uma viagem no tempo**. Florianópolis: Ed. do Autor, 1998. v. 1; _____. **Dos Açores ao Brasil Meridional – Uma viagem no tempo**. Florianópolis: Ed. do Autor, 2000. v. 2; _____. **De Portugal ao Sul do Brasil: 500 anos: história, cultura e turismo**. Florianópolis: Ed. do Autor, 2001; RAMIREZ, Hugo. **Paradigmas da açorianidade no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Caravela, 2005; ROCHA, Santa Inêze da. (Org.). **Açorianos no Rio Grande do Sul – I**. Porto Alegre: Caravela/EST, 2005; _____. **Açorianos no Rio Grande do Sul – II**. Porto Alegre: Caravela, 2007; SOARES, Doralécio. **Folclore Catarinense**. Florianópolis: UFSC, 2002.

²¹ A construção dessa reflexão sobre as festas partiu de consulta a: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980; DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Graal, 1980; DEL PRIORE, M. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994; DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000; DUVIGNAND, J. **Fêtes et civilisations**. Paris: Weber, 1973; ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003; ISAMBERT, F. **Le sens du sacré**. Paris: Minuit, 1982; MARQUES DE MELO, José. **Comunicação Social: Teoria e Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1970; MORAES FILHO, M. **Festas e tradições populares no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999; THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

Rompem com o cotidiano (do tempo previsto, regular) e dão lugar, mesmo que de forma efêmera, a um tempo novo em que indivíduos, agora agrupados e solidários venham a subverter as normas em uso ou sancionar a ordem estabelecida.

As festas têm valor político, pois conservam os traços do simbolismo presente na memória, assinalando a transmissão de bens simbólicos²² (função pedagógica e unificadora), rupturas de costumes, como forma de resistência e a criação constante de outras formas de dominação, produzindo outros significados e expressões. As festas asseguram a concretização de um contexto que autoriza contato real com códigos e crenças balizadoras da chamada “cultura” de um povo e, em alguns casos, vem a legitimar a cosmovisão constitutiva de um *ethos* que expressa condições de mobilização, denúncia ou construção.

A partir das festas há uma apropriação de espaço e de tempo (profano e sagrado), uma vez que os lugares onde se realizam são tornados públicos, por meio da celebração da memória e do rito que soleniza a passagem do tempo. O espaço da festa é, também, um espaço plural, permitindo a emergência de múltiplos mecanismos promotores de sociabilidade, bem como evidencia uma prática agregadora de valores que são exaltados sob o signo identitário dos participantes, que comungam os mesmos interesses e expectativas.

As festas também podem ser entendidas como linguagens capazes de expressar simultaneamente múltiplos planos simbólicos. Indivíduos, grupos e instituições se comunicam por meio das mesmas: ocorre interação grupal ou comunitária; a partir das mediações midiáticas se dão relações entre grupos, comunidade e coletividade; articulação de relações institucionais, no momento em que se decide o que celebrar e com quais parceiros. Entende-se, então, as festas, também, como processos comunicacionais.

Longe de pensar as festas como tradição, congeladas em um tempo passado e reproduzidas em um tempo presente, postula-se a historicidade das mesmas (das emoções, sentidos e sentimentos recorrentes), já que a cada edição, mesmo que controladas pelo Estado (calendários cívicos ou turísticos) e a Igreja (calendário litúrgico), são captadas pelo povo, que faz uso do seu sentido de construção, elaboração

²² Valores, força moral, entre outros.

da identidade e solidariedade entre os diferentes, a ponto de fazer delas um modo de ação e participação particularmente marcante na sua história.

Estudar as festas tendo como chave de leitura o conceito “sensibilidades”²³ é: procurar, quando o historiador se faz presente e ou participa do festejar, captar e interpretar, em atitude hermenêutica,²⁴ as sensações e emoções, a reação dos sentidos de homens e mulheres em face à comemoração e celebração no momento mesmo do resgate de vida, do humano em construção; atingir, com a leitura atual, “como se sentia em outra época [...] surpreender crenças valores, emoções não mais experimentadas para poder vislumbrar o tempo do passado”.²⁵

Uma vez posta a possibilidade de “iluminar” o olhar sobre as festas, a partir das sensibilidades, cabe pensar as fontes e os procedimentos.

OS RASTROS DAS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Duas mulheres avançam pelas ruas de um bairro em uma das tantas cidades do Rio Grande do Sul. Nas mãos de uma delas, tremula uma bandeira vermelha, cujo mastro é encimado por uma pomba branca e fitas coloridas. Percorrem as casas pedindo ofertas e anunciando uma festa. Moradores abrem suas portas, beijam a bandeira, fazem o sinal da cruz e trazem a oferenda. As mulheres dizem palavras de bênçãos e seguem o seu caminho – é o Ciclo do Divino Espírito Santo que está começando.

Cleusa Graebin

²³ “As sensibilidades se apresentam, portanto, como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido. O sentimento faz perdurar a sensação e reproduz esta interação com a realidade. A força da imaginação, em sua capacidade tanto mimética como criativa, está presente no processo de tradução da experiência humana”. (PESAVENTO, Sandra. Sensibilidade: escrita e leitura das almas. In: _____; LANGUE Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007, p. 14-15.)

²⁴ “[...] interpretação e captura de universos de sentido distantes dos nossos”. (PESAVENTO, Sandra J. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: _____; SANTOS, Nádía Maria W.; ROSSINI, Miriam de Souza. (Orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p. 16.)

²⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Pensar com o sentimento, sentir com a mente. Bienal de Veneza, 2007: 52ª Exposição de Arte. In: RAMOS, Alcides Freire; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). **Olhares sobre a História**. São Paulo / Goiás: Hucitec / PUCGoiás, 2010, p. 25-26.

Pesavento, citando Lucien Boia, afirmava que:

[...] para chegar até as sensibilidades de um outro tempo, é preciso que elas tenham deixado um rastro, que cheguem até o presente como um registro escrito, falado, imagético ou material, a fim de que o historiador possa acessá-las. Mesmo um sentimento, uma fantasia, uma emoção precisam deixar pegadas para que possam ser capturados em suas marcas pelo historiador.²⁶

A pesquisa sobre as festas do Divino Espírito Santo busca captar informações sobre as mesmas desde o século XVIII, quando se tem notícias dessas no Rio Grande do Sul. Entre 2007 e 2010, participou-se efetivamente de algumas edições das festas em Vila Seca (Caxias do Sul), Gravataí, Boqueirão (São Lourenço), Canoas e Porto Alegre. Além disso, levantou-se²⁷ documentação escrita e imagética e produziu-se documentação oral e imagens fotográficas.

Esse *corpus*, erigido como marca de historicidade para estudar as festas, precisou ser posto a falar, cruzando, compondo, combinando ou opondo marcas do passado, com atenção para os detalhes, indícios secundários, acessórios, indo além do que era dito, de um texto a outro texto, saindo da fonte para mergulhar no contexto ou ainda fora dele, produzindo sentidos e revelações a serem transformadas em texto historiográfico.²⁸

No exercício de pensar as festas tendo as sensibilidades como chave de leitura, foram utilizadas observações realizadas a partir da participação nas mesmas, entrevistas de história oral (do tipo história de vida), bem como matérias jornalísticas. A seguir são tecidas algumas considerações a partir dessas fontes. As imagens, no contexto deste trabalho, foram utilizadas apenas como ilustrações.

²⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 46.

²⁷ Teve-se o auxílio de quatro bolsistas de iniciação científica: Jairton Ortiz da Cruz, Bruna Clavé (FAPERGS), Karen Radtke e Danielle H. Viegas.

²⁸ PESAVENTO, 2003, op. cit., p. 63-68.

MEMÓRIAS SOBRE FESTAS DO ESPÍRITO SANTO

Bosi afirma que “[...] a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. [...] Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito”.²⁹

Maria Emília, Carla, Nilse, Maria Cristina são personagens com as quais se fez exercício de escuta quando narraram suas histórias de vida. Percebe-se que suas lembranças estavam em fluxo contínuo, misturando-se, ao mesmo tempo, experiências individuais e coletivas, confissões íntimas, sentimentos, emoções, ações presentificadas pela memória e reatualizadas como bens simbólicos. Esses são valores, representações, relações sociais, construção de papéis, incorporação de saberes produzidos no cotidiano e transmitidos no âmbito familiar. Sabe-se que a cultura é dinâmica e que valores são mutáveis, mas percebe-se que nas falas existem como aponta Tedesco,³⁰ horizontes que resistem em se romper, conformando uma determinada visão de mundo. Projetos individuais de vida estão relacionados com mecanismos utilizados pela família, para manutenção de unidade e perpetuação. Ao mesmo tempo, é possível perceber os conflitos, tensões e desafios nos processos de mudança.

Ao recordar, cada uma delas acionava a memória que recuperava imagens de vivências, experiências, recriando, mentalmente, a festa – acontecimento ausente. Ao desenrolar da evocação, procurava-se captar se a rememoração produzia uma emoção presente. Na torrente de imagens-pensamento que brotavam das falas, buscava-se compreender os sentimentos que as perpassavam.

Sorrindo, Maria Emília falou sobre a tia “que conheceu o marido nessas festas de Igreja [do Espírito Santo] [...]” e expressa certa nostalgia quando diz que “Ah!, festas... festas eram aquelas... festas de igreja... eu era menina... eram embaixo das figueiras grandes... o pessoal vinha de longe... de charrete, de cavalo... vinha bastante gente”.³¹ Era no espaço plural, embaixo das figueiras, que emergiam múltiplos mecanismos de sociabilidade. As pessoas se encontravam, novas relações eram

²⁹ Cf. BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p. 39.

³⁰ TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo / Caxias do Sul: UPF / EDUCS, 2004, p. 248-250.

³¹ Maria E. F. S. Entrevistada em Guaíba, 24/06/2006. Acervo da autora.

iniciadas ou desfetos eram confirmados. Para além da comemoração e celebração, era momento de ser visto e de comunicar algo. A nostalgia que perpassa o testemunho de Maria Emília não é tanto a falta da festa, mas a das sensações dos seus tempos de infância.³²

Isso também está presente no relato de Nilse: “As festas de igreja... as do Divino [...] sabe o que eu lembro com saudade da minha infância?... é quando a gente tudo era criança, os irmãos tudo junto, quando a gente se reunia, aquelas festas, aquelas coisas. Isso eu lembro...”³³

Carla informa que quando chegou a Gravataí, vinda dos Açores (Ilha Terceira),

[...] todos os açorianos, nós somos muito devotos do Espírito Santo... Há um carinho, o povo é muito carismático com relação a essas festas religiosas... É natural que quando o açoriano imigra, é natural que leve ainda essa festa, essa crença pelo Espírito Santo. É quando eu cheguei aqui em Gravataí, não se comemorava a festa do Divino Espírito Santo [a cerca de 40 anos]. A Casa dos Açores, até que fez, junto com algumas pessoas da comunidade, junto com a Prefeitura local. Fizeram de novo o resgate porque já há bastante tempo que não se comemorava essa festa aqui no Município... E então nós fizemos esse resgate. Na primeira festa, eu e meu marido que fomos os imperadores daqui [refere-se ao imperador e imperatriz, personagens que são coroados na igreja no dia da festa]. É claro que ela tem as suas diferenças de lá [referindo-se à festa do Divino na Ilha Terceira].³⁴

Ao mesmo tempo, Carla expressa a festa como ato de devoção e elemento identitário. Esse não é um caso isolado, pois ganham proeminência, a partir dos anos 1980, em municípios do Rio Grande do Sul, como o de Gravataí, manifestações culturais relacionadas a uma chamada “raiz cultural” – nesse caso remetendo a um passado açoriano –, como visibilidades de uma experiência histórica. “Cultura açoriana” é expressão que tem indicado, no Estado, um modo de designação, para o que se refere à identidade, ao estilo de ser, às festas e à religiosidade das populações descendentes de açorianos. Para Carla, a festa abrandou a saudade dos familiares e, de certa forma, diminuiu a distância entre a Ilha Terceira e Gravataí.

³² Ver: BENEDUZZI, Luis Fernando. Nostalgia do tempo em um tempo de nostalgia. In: PESAVENTO, Sandra J.; SANTOS, Nádia Maria W.; ROSSINI, Miriam de Souza. (Orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 19-40.

³³ Nilse S. Entrevistada em Guaíba em 18/07/2006.

³⁴ Carla M. G. Entrevistada em Gravataí em 24/06/2006. Acervo da autora.

Os tempos vividos, os antigos costumes, sua origem e preservação recebem investimento de tempo e bens por parte de indivíduos, grupos e comunidades. Aqui podem ser percebidas as tensões, as disputas, as acomodações e negociações, pois ocorrem dentro de sistemas de posições e relações.

Segundo Bourdieu, pode haver lutas para impor representações que se dão por legítimas, da ideia de identidade, etnia ou região. Conforme o autor,

[...] este acto de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um acto de conhecimento, por estar firmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia [...].³⁵

Em Gravataí, de 2007 a 2010, a festa do Divino Espírito Santo ampliou-se, da esfera de um pequeno grupo e algumas autoridades civis e eclesiásticas à dimensão da cidade e fora dela. Ao se integrar ou se apartar, as pessoas introjetam imagens, que irão nutrir o imaginário da sociedade a que pertencem e que se reativa periodicamente, numa dimensão de aprendizado da cidadania.

As festas propiciaram acomodação de elementos internos do grupo, promovendo nos sujeitos sociais uma ressignificação cultural, permitindo interações e o estabelecimento de redes de comunicações e contatos. Dessa relação resulta o discurso que se elabora sobre a realidade e sobre nós mesmos, enriquecendo a memória individual e social e seus mecanismos de registro e recuperação.



Festa do Espírito Santo em Gravataí. 2007. Acervo da autora.

³⁵ BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: _____. **O poder simbólico**. São Paulo: Difel, 1989, p. 107-132.



Cestas de pães com formato de pomba. Festa do Espírito Santo em Gravataí. 2007. Acervo da autora.

Maria C. relata que em Jaguarão, existem registros da festa a cerca de oitenta anos. Informa que é feito

[...] um grande evento aqui na praça, de bandas de musica e depois então é iniciada a novena do Espírito Santo e aí, por cada dia é uma comunidade, são movimentos da igreja, da cidade que participam, sempre cada dia é direcionada a um público, tem dias para os jovens, para a terceira idade, os comerciantes, para as pessoas que trabalham no campo, arroteiros, então cada dia a gente faz um dia da novena específico para aquele público [...] É da nossa cidade, não é uma festa da comunidade ou da paróquia, mas sim uma festa da cidade e, geralmente, o prefeito e as autoridades da cidade fazem parte dessa festa [...] é no salão paroquial e a gente reúne todos e faz uma confraternização. Depois aqui nessa praça no lado das bandeiras onde nós nos encontramos agora, o município coloca banquinhas e cada comunidade faz, acontece uma grande quermesse, então cada um vai trazendo aquilo que fez durante o ano, a Pastoral da Saúde, os que ajudam os pobres, [...] as catequistas, então, trazem e vendem [...] é uma festa muito bonita...³⁶

Percebe-se que a festa é apropriada pela Igreja que, efetivamente, determina os espaços de ocorrência e as formas de expressão da mesma. A afirmação de Maria Cristina de que “a festa é da cidade”, remete para o entendimento do exercício dos poderes estabelecidos, do reconhecimento de papéis sociais, das hierarquias, mas também de que as pessoas tecem redes de sociabilidade, se envolvem e compartilham regras e valores que são socialmente construídos e reafirmados a cada ano. Essas formas de sensibilidades podem ser entendidas como jogos de sutilezas, modelando

³⁶ Maria C. M. S. Relata que a igreja foi construída em 1847. Entrevistada em Jaguarão em Jan./2007. Acervo da autora.

comportamentos.³⁷ As novenas realizadas, separadamente, para públicos diferenciados e o cortejo da procissão, parte integrante do ritual da festa, com alas separadas por segmentos sociais, dá a ver a própria organização da sociedade jaguarense, dando-lhe sentido, codificando-a, difundindo-a e retroalimentando-a.

AS FESTAS DO ESPÍRITO SANTO NA IMPRENSA

As festas do Espírito Santo têm recebido, ao longo dos tempos, espaço na imprensa sul-rio-grandense, notadamente, nos jornais locais das comunidades onde se realizam. As notícias sobre as festas do Espírito Santo realizadas em Porto Alegre e Rio Grande, escolhidas para este trabalho, mesmo distantes no tempo, portanto, em diferentes contextos históricos, mostram alguns elementos que podem ser estudados a partir da perspectiva de longa duração, como “realidades que o tempo desgasta pouco”, conforme indica Braudel.³⁸

Nesse sentido, sem querer cometer anacronismos, já que as sensibilidades apresentam diferentes sentidos ao longo da história, reforça-se a ideia de que estão sendo entendidas, aqui, como capacidade humana de sentir ou ter sentimentos em diferentes dimensões, englobando, entre outros, emoções, paixões e subjetividades. As sensibilidades estão carregadas de valores culturais que definem formas de interagir e visões de mundo e, perseguir a apreensão indiciária das mesmas na vida dos homens em sociedade, a partir da pesquisa em fragmentos de matérias jornalísticas, é trabalhar na precariedade dessas fontes e no limite da densidade do passado que se procura compreender.

Assim que, mesmo correndo riscos, pode-se constatar que alguns elementos das festas são recorrentes nas notícias veiculadas entre 1856 a 2006, a saber:

- a) Celebrações sagradas e profanas compartilhando espaços.
- b) Caminhada pelas ruas da cidade com a Bandeira do Divino para o recolhimento de donativos e distribuição de bênçãos.
- c) A ideia da festa da partilha, com distribuição de esmolas e alimentos para os pobres.

³⁷ GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A corte do Maracatu-Nação: luxo, refinamento na cultura popular? In: RAMOS, Alcides Freire; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). **Olhares sobre a História**. São Paulo / Goiânia: Hucitec / PUCGoiás, 2010, p. 213-228.

³⁸ BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 45.

d) A religiosidade expressa por meio da fé e da devoção ao Espírito Santo.

Em função da festa, as comunidades se organizam, pois além dos rituais oficiais, a parte profana é comemorada, ruidosamente, com fogos de artifício, música e dança, logo após os ofícios, em espaços próximos à igreja que sedia a mesma. Em Rio Grande, em 1875, “[...] à noite, na praça Municipal, foi queimado um lindo fogo de artifício”.³⁹ Em Viamão, 1897, “[...] a tarde terá começo a festa com cavalhadas pelos amadores dessa espécie de diversão. [...] dança, subindo ao ar, às 8 horas, um balão”.⁴⁰ Em Gravataí, 2006, a festa “[...] prosseguiu com a procissão dos devotos pelas ruas do Centro. Após a caminhada, os fiéis participaram de almoço no salão paroquial”.⁴¹ Em diferentes edições da festa, calçadas, praças, ruas e clubes servem como espaço de convívio e de sociabilidade.

Em outros tempos, alguns dos serviços oferecidos nas cidades eram suspensos, como o caso de um comerciante de Belém Novo (bairro de Porto Alegre) que em janeiro de 1899, em anúncio na *Gazetinha*, avisava aos seus fregueses o não funcionamento na data da festa (7 de março).

A festa integra conjunto de elementos culturais e estéticos fortemente expressos de forma material e imaterial. Entre esses se encontram os sentimentos de reciprocidade, de partilha e solidariedade. Percebe-se pelas matérias jornalísticas, nos diferentes tempos, a permanência da visitação (peditório) da Bandeira do Divino às residências, levada por festeiros.

As comemorações começaram no final de abril, com cerimônia de levantamento de mastros, passagem das bandeiras nas residências, lojas e entidades e realização dos tríduos. Nesse período, foram arrecadados alimentos não-perecíveis para serem distribuídos às famílias carentes cadastradas na igreja matriz.⁴²

Da casa de Vianna, saiu a bandeira do Divino Espírito Santo, a percorrer as ruas e tirar esmolas para a sua festa.⁴³

³⁹ (17/10/1875). Notícias compiladas pelo prof. Dr. Luiz Henrique Torres e veiculadas pelo *Jornal Agora* em 27/04/2007. Arquivos do **Jornal Agora**, Rio Grande, RS.

⁴⁰ **Gazeta de Porto Alegre**, 31/05/1879. Acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Porto Alegre, RS.

⁴¹ **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, 5/6/2006. Acervo da autora.

⁴² **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre, 5/6/2006. Acervo da autora.

⁴³ 10/05/1874. Notícias compiladas pelo prof. Dr. Luiz Henrique Torres e veiculadas pelo **Jornal Agora** em 27/04/2007. Arquivos do **Jornal Agora**, Rio Grande, RS.

Na visitação, a Bandeira é levada a todas as dependências da casa, os presentes rezam e pedem graças ao Espírito Santo. Trata-se de ritual no qual o espaço doméstico se torna sacralizado. Oferta-se em dinheiro ou bens que poderão ser leiloados. Parte do resultado das doações é designada para atender pessoas e ou famílias carentes de recursos financeiros, parte é utilizada para despesas da festa e ainda para auxiliar a paróquia e ou Irmandade (se for o caso) que organiza a mesma.

A devoção e a fé são expressas de diferentes maneiras, mas supõe relação de troca com o Espírito Santo. Na religiosidade popular, este é conhecido como protetor de toda e qualquer adversidade. A promessa é feita em função de alguma necessidade coletiva, grupal, ou individual. Sabe-se que se inscrevem esperanças e imaginários reatualizando as crenças, porém, percebe-se que o culto ao Espírito Santo se expressa como forma de devoção ou obrigação institucionalizada, como herança deixada pelos antepassados, como expressa Gracinda (72 anos) em matéria veiculada pelo Correio do Povo: motivada pela avó, participa da procissão desde criança.⁴⁴ No imaginário, a participação é imprescindível para não perder a proteção. É como se o “olhar” do Espírito Santo perscrutasse a festa, em busca daqueles que uma vez recebedores de graças, não honraram o compromisso. Estar na festa promove a conexão entre as dimensões físicas e espirituais, é o corpo em interação com a divindade.



Festa do Espírito Santo. Porto Alegre. 2007. Acervo da autora.

⁴⁴ **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre. 5/6/2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos tempos, a festa do Divino no Rio Grande do Sul tem sido ressignificada por seus atores nas cidades onde é realizada e até o presente, envolve o compartilhar de religiosidade católica partilhada em sociabilidades cotidianas, consolidadas por vínculos de parentesco, de compadrio e vicinais. Também, as autoridades eclesiásticas locais têm exercido restrições ao modo de festejar. Em algumas cidades, a parte profana da festa foi suprimida, tendo em vista o que a Igreja determina como “excessos”.

O que é possível verificar é que a cada edição, há renovação do sagrado, que entra de casa em casa, por meio da Bandeira e da procissão, mediadora da vida pública e particular. Sensibilidades são irmanadas e redefinem-se, a partir da festa, relações de lealdade entre grupos, categorias e classes. Neutralizam-se conflitos, dando lugar à íntima relação de devoção e fé para com o Espírito Santo. Todos se ligam ao Espírito e, por meio dessa relação, ficam integrados aos demais fiéis. Ao mesmo tempo, compartilham a festa, bem cultural e simbólico que tem sido, em muitos momentos, acionado como elemento definidor de identidades locais e regionais.

Os Tropeiros do Divino,
Se despedem em cantoria,
Vão pela estrada afora,
Repontando alegria.

Por essa porta “entremo”, ai
Por esta mesmo “saimo”, ai

(Tropeiros do Divino de Ivo Ladislau e Carlos Catuype)



Tropeiros do Divino Espírito Santo. Vila Seca. Caxias do Sul, RS. 2007.